



“SEXTA-FEIRA: AULA DE POESIA OU ONDE HABITA O AMOR?”

ANNA LETÍCIA DE ABREU*

*Se tivesse madeira e ilusões
Faria um barco e pensaria o arco-íris.
Se te pensasse, amigo, a Terra toda
Seria de saliva e de chegança.
Te moldaria numa carne de antes
Sem nome ou Paraíso.*

*Se me pensasses, Vida, que matéria
Que cores para minha possível
sobrevida?*

Segui, seguimos.

Muito se fala de que “*saudade*” é uma das palavras mais lindas do nosso português brasileiro, mas para mim há outra certeza. Fui tocada novamente, tão de surpresa, pelo fio condutor que guia minha existência: o amor. Além de ser esse mestre, é muito mais que palavra, é quase um modo de existir num mundo selvagem. Mas não vou me ater a etimologia da palavra, quero contar sobre a força semelhante a de dois rios que o amor leva consigo.

Buscarei contextualizar e narrar voltando para aquele tempo, era uma sexta-feira, algumas coisas saíram de dentro do que eu desejava - estudando a grandíssima Hilst, devaneando que não poderia eu ser do tamanho de uma poetisa desta para tomar sua obra e jogar aos ventos numa sala de aula, duas noites sonhando ou melhor *pesadenhando* sobre, lendo e relendo, enfrentando coisas atípicas, mas tão normais do cotidiano, funciono assim: se foge do meu controle, sou eu quem tenho de fugir. Num vai e vem, embalada pelo mais clássico ritmo do *reggae music* tentando me manter *happy inside all of the time*, ainda tive de encarar a fragilidade que nós - humanos - seguramos tanto dentro do peito, até me transmutar em pura água e desistir da batalha, mais uma noite de sonho. Tudo sob controle até aqui, levanto no horário marcado, não cumpro muitas regras, minha característica é o humor solto e o atraso, mas in ou felizmente, nesta sexta-feira em questão havia outro-eu dominando a situação. Voltamos ao início, despeço-me com um beijo sem graça, cabiam duas de mim dentro do meu próprio corpo, sinto muito, amor, pela minha falta nesse dia, bebo um café e volto ao meu drama, Hilst para cá, Casa do Sol para lá, e um tal “*Se tivesse*” e “*Se te pensasse*” tão grande, que nesse momento já consigo recitar o poema “XII” do Amavisse de trás para frente, respiro, vou muito bem. Numa confusão do que é real ou onírico, a sala de aula proporciona esse êxtase em mim.

Um pouco mais contente, mas com um semblante sério, não aquele da maioria dos dias, outro beijo sem graça e um mau-presságio do meu amado sobre o próximo passo do meu dia, meu almoço foi amaldiçoado e nem sequer tinha carona para casa... Que sexta-feira. Tudo bem, relembro para além da função estética do nariz, mas precisamente das narinas, volto ao foco, me desloco, almoço num lugar mais longe, calada, será que todos comem pensando? Deve ser, será que eles pensam na comida? Passa-se comigo que, de tanto pensar, nem sei dizer o que comi hoje, o que estava deitado no prato a julgar meu consciente. Enfim, após esse drama meio desconfortável, o de enfrentar o destino que meu oráculo tinha me designou mais cedo, vem o ápice dessa minha toda história, aconteceu o que me enche o coração, e se bem que, depois de lembrar minha sexta-feira nesse tom tão atônito, nem tenho graça para recitá-lo, mas fazemos-o.

Nem sei como começar devidamente essa parte, o argumento todo deveria estar aqui e simplesmente ignorar as outras coisas que me passaram nos dias ante minha conclusão - apesar de que, até Hilst parte que processo de escrita merece amadurecimento, por que não o meu dia também? Mas como bem ia contando, dá-se então que a alegria é parente amor, daquele que não é figurado no coração, mas sim do contemplativo, do tipo que enche o corpo todo. Estava quase, quase, completamente desiludida, eu tinha oito minutos para decidir entre ficar num lamento ou no ócio da existência. Desse aguardo se dava, dei-me que guardo em mim muitas histórias, assim como todo mundo guarda em si as suas. Numa surpresa, como se eu pensasse em um arco-íris ou quase que uma rememoração, estilo *dejavu*, de outra sexta-feira passada, alguém me chama muito contente, de abraços abertos e de primeira, sem verbo nenhum, sem ação outra, palavrear, dizer ou qualquer coisa do tipo, simplesmente, no instante que os olhos se encontram, os segredos (a)guardados se fizeram certo num encontro silencioso, daí nasce o amor. Nesta sexta-feira, eu que ramava meu barco com minhas próprias mãos, recebi

* Acadêmica em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista PET Letras e idealizadora e professora no

Projeto RedaPET - Mais que gêneros textuais. E-mail : aannaleticiaabreu@gmail.

como dose de energia alegre o amor que vem do outro, esse que é preenchedor. Conto mais, fiquei em êxtase! Agora só faltavam seis minutos para minha carona paga, já que mais cedo eu me via sem ninguém ao meu dispor e ainda me lembro que pensei, *'só queria estar na minha casa'*, naquele momento quis transformar os poucos minutos em seis mil horas e sair para beber seis ou sete cervejas com aquela notícia em forma de gente, no simples ato de comemorar o partilhar da vida. Trocamos grandes e boas novidades, como se não nos víssemos há seis ou sete anos, já que o amor pe uma linguagem universal eu sabia o que viria ela a me dizer só no primeiro contato visual, hesitei medrosa, ouvi com alegria e pulei mesmo, pulamos! Bati sapatos contra o chão, libertei a voz guardada no peito e transformada na garganta, sorrimos muito, nos abraçamos, fiz planos em voz alta, esses que foram muito bem recebidos. Vivemos muito em quatro minutos, agora faltavam dois, eu precisava achar o meu motorista e aprender a viver 6 meses com uma falta no peito.

A gente só cresce se junto dos outros, eu floresço quando sei que posso contar com o tanto de amor que me cerca, fui também parabenizada pela tão temida aula de poema do início da história, fui acolhida pelos olhos sonhadores e ouvidos gentis da minha amiga. Foi um encontro daqueles que é quase uma festa surpresa de aniversário, um bilhete dourado para Fábrica de Chocolate ou um tatuagem bonita dessas que vem com o chiclete, fiquei feliz com a boa notícia que por instantes deixei a vida de lado e guardei tudo aquilo no coração; são esses acontecimentos invisíveis que despertam nossa humanidade. No mais, para o interesse dos curiosos, naquela sexta-feira a aula de poesia inspirada em Hilda virou exemplo, do lado de cá: rendeu uma pesquisa iniciada e um novo emprego, do lado de lá: uma mala enorme para Córdoba - que eu estava só de alma, porque não pude caber nela - e de novo, reencontros. Obrigada amiga, naquela sexta-feira, você foi a ferramenta que me lembrou a coisa mais importante da minha vida, o fio condutor dela, lá onde habitam meus queridos, minhas amizades, meus sonhos, meus pais, meu cachorro, minha moto, meus livros: n(o) amor.